A PERFORMANCE MIDIÁTICA de jair messias BOLSONARO:

O retorno do eterno mito do salvador da pátria [[1]](#footnote-1)

Wagner Alexandre Silva[[2]](#footnote-2)

**Resumo**

Com uma atuação que em outros tempos poderia chocar a muitos, o Presidente Jair Messias Bolsonaro continua mantendo uma quantidade expressiva de admiradores. Para compreendermos essa admiração, o presente estudo propõe uma averiguação sob um prisma diferente do político, com base em uma ótica da identificação de elementos mitológicos e comportamentos característicos de uma neoreligiosidade (HILL, 2002, p. 86) inerentes à chamada Cultura de Fãs, buscando analisar a performance executada do presidente brasileiro e avaliar em que medida ela tem contribuído para o processo de fanatização político-ideológica no Brasil.

**Palavras-chave:** Mito; Neoreligiosidade e Cultura de Fãs; Performance Midiática; Política Brasileira; Comunicação e Consumo.

**Abstract**

*With a performance that in other times could shock many, President Jair Messias Bolsonaro continues to maintain a significant number of admirers. In order to understand this admiration, the present study proposes an investigation in a different perspective from the political one, based on an optics of the identification of mythological elements and behaviors characteristic of a neoreligiosity (HILL, 2002, p. 86) inherent to the so-called Fan Culture, seeking to analyze the performance of the brazilian president and evaluate to what extent it has contributed to the process of political ideologie fanaticzation in Brazil.*

**Keywords:** *Mith; Neoreligiosity and Fan Cultures; Media Performance; Brasilina Policy; Communication and Comsumption.*

**1. Introdução**

Sob salva de palmas e gritos chamando-o de “Mito!”[[3]](#footnote-3), o Presidente Jair Messias Bolsonaro usa a entrada da residência oficial e quaisquer de suas aparições públicas como um palco midiático diário para executar suas performances (ZUMTHOR, 2000), com as quais arranca gargalhadas e elogios de apoiadores, que corriqueiramente se amontoam ao seu redor.

Com uma atuação que em outros tempos poderia chocar a muitos e em meio a atitudes e declarações desrespeitosas, intolerantes, preconceituosas, xenofóbicas e jocosas sobre os mais variados temas e em pleno cenário pandêmico de Covid-19, percebemos que, ainda assim, Jair Messias Bolsonaro continua mantendo uma quantidade expressiva de admiradores. Para compreendermos os porquês dessa admiração, propomos uma averiguação sob um prisma diferente do político, com base em uma ótica da identificação de elementos mitológicos e comportamentos característicos de uma neoreligiosidade inerente à cultura de fãs (HILL, 2002, p. 86), realizada por aqueles que cultuam esse mandatário. Buscaremos analisar a performance executada por Bolsonaro e avaliar em que medida ela tem corroborado para o processo de fanatização político-ideológica no Brasil.

A partir do entendimento do mito, o que nos desperta maior interesse é a captação do sentido da conduta militante dos apoiadores de Bolsonaro e compreender a causa e justificativa de seus excessos, pois como esclarece ELIADE (1972), “compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito — e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade” (ELIADE, 1972, p. 7).

Apoiando-se no *slogan* “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”, baseado no brado militar dado em formaturas e solenidades das Forças Armadas e com a Proposta de Plano de Governo intitulada “O caminho da Prosperidade”, o capitão reformado do Exército Brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, trouxe a religião e o militarismo para o embate político, conjuntamente com promessas miraculosas de solucionar todas as mazelas brasileiras. Em um trecho, a proposta enfatiza que:

Quebrado o atual ciclo, com o Brasil livre do crime, da corrupção e de ideologias perversas, haverá estabilidade, riqueza e oportunidades para todos tentarem buscar a felicidade da forma que acharem melhor. (FLAVIO BOLSONARO, 2018, p. 6).

Nota-se que o texto em questão não explica como se daria a “quebra do ciclo[[4]](#footnote-4)” ou mesmo o que especificamente seriam “ideologias perversas”, ficando ao sabor da subjetividade da governança.

Na primeira página da proposta foi trazido o versículo bíblico João 8:32 (BÍBLIA, 2008, p. 1304) “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (FLAVIO BOLSONARO, 2018, p. 1). Ora, quando em 2018 Jair Messias Bolsonaro decidiu-se por ingressar na corrida eleitoral pelo Palácio do Planalto, a campanha e, posteriormente, a postura cotidianamente adotada centrou-se em dizer, justamente, as “verdades[[5]](#footnote-5)” que, como sugere Bolsonaro ainda hoje, refletem a opinião do povo brasileiro. Se, como diz o dito popular, “A voz do povo é a voz de Deus!”, e sendo Jair Bolsonaro considerado por seus apoiadores um enviado de Deus, então, ao falar em nome do povo, estaria o mandatário inspirado por Ele.

Para entendermos como a figura mitológica de Bolsonaro foi sendo construída desde o anúncio de que concorreria nas eleições presidenciais de 2018, observaremos inicialmente algumas de suas performances públicas.

Em 2017, Bolsonaro participou do 36º Congresso Internacional dos Gideões Missionários da Última Hora, um dos maiores eventos pentecostais do sul do país e ligado à Assembleia de Deus. Nessa ocasião, o ainda Deputado Federal, em pré-campanha eleitoral, recebeu uma benção direcionada a seu abdômen, tendo este fato ocorrido alguns meses antes de Bolsonaro ter sido esfaqueado nesta mesma região do corpo, durante campanha na cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais. Depois desse incidente “as imagens da bênção viralizaram nas redes sociais [...]. Nas redes sociais, a bênção foi tratada por setores do eleitorado do presidente como ‘profética’” (EXAME, 2019).

Em 2018, em seu primeiro ato público após assunção ao cargo de Presidente, no dia 2 de janeiro, Bolsonaro esteve presente na edição do evento pentecostal. Em pronunciamento dirigido aos participantes, o mandatário proferiu as seguintes palavras: “Vocês sabem que Ele não escolhe o mais capacitado, mas capacita os escolhidos!” (EXAME, 2019). Em um outro evento, realizado na Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, localizada no bairro da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 30 de outubro de 2018, Bolsonaro, uma vez mais, veio a repetir frase de igual teor: “Tenho certeza de que não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos” (FAROL, 2018). Desta maneira, o mandatário brasileiro vinha deixando claro que qualquer inabilidade ou inaptidão sua, - sobre qualquer assunto - seria suprida por Deus, fazendo jus à admiração de seus apoiadores religiosos.

Como dissemos, Bolsonaro não somente trouxe a religião para o embate político, mas também a questão militar. Para este público em especial, como militar da reserva e, por isso, sabedor da vivência na caserna, a comunicação foi dirigida de modo a incorporar em sua performance jargões e – de maneira adaptada – postura e comportamentos similares a de militares, quando oportuno, como por exemplo, em junho de 2019, durante uma visita feita na Escola de Educação Física da Polícia Militar, no Estado de São Paulo, o capitão reformado do Exército Brasileiro e Presidente da República, acompanhado do Governador do Estado de São Paulo, do Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e de um grupo de alunos, por brincadeira, prostrou-se ao chão para realizar flexões de braços, “puxando a contagem” – forma pela qual os militares contabilizam as flexões de braços, sendo realizada pelo militar de maior patente/graduação, mais antigo ou conforme determinação – com sonoros: abaixo, acima. Uma brincadeira que é comumente realizada no ambiente dos quartéis, como uma expressão de camaradagem entre superiores hierárquicos e subordinados ou mesmo entre os pares.

A partir dessas premissas, passaremos a analisar os porquês de Bolsonaro ter sido considerado especial por seus apoiadores e buscaremos entender como a espetacularização de sua performance contribuiu para a construção do imaginário de seus admiradores.

Para análise da performance, usaremos publicações e vídeos divulgados pelos meios de comunicação e aquelas realizadas diretamente pelo presidente. Traremos ainda como aporte teórico os conceitos de Richard Schechner (2006) e Paul Zumthor (2000), de modo que nosso entendimento se estenda à performance midiática de Bolsonaro, bem como, faremos uso da conceituação de sociedade de espetáculo de Guy Debord (2000), para efetuarmos o estudo proposto de avaliar o quanto o mandatário brasileiro tem se valido dessa estratégia para reforçar a sua idolatria e utilizá-la como uma justificativa de uma (re)construção da cidadania e de sentimentos nacionalistas, em outras palavras: “Amar a Deus é amar Bolsonaro! Amar Bolsonaro é amar o Brasil![[6]](#footnote-6)”.

**2. Da origem do mito Bolsonaro**

Desde o início dos tempos, o homem teme ou admira aquilo que não é capaz de compreender. De mesmo modo, de tempos em tempos, passa a venerar como deuses aqueles que estão em uma posição de destaque. Tudo que não é compreensível à razão ficou relegado ao sobrenatural.

Com base nisso, diante das argumentações trazidas por Mircea Eliade (1972), no presente trabalho partiremos da compreensão do significado do termo mito, de tal modo que entendamos o seu uso pelos apoiadores de Bolsonaro.

O mito, como revela ELIADE (1972), surge a partir de uma imbricada rede de experiências vivenciadas por uma sociedade. Ele expressa a realidade e sua extrema complexidade. A conceituação de mito refere-se à narração de um evento sagrado, ocorrido no tempo das fábulas e que traz como atores principais figuras dotadas de habilidades e poderes sobre-humanos, eventos que desvendaram a sacralidade ou a sobrenaturalidade de lugares, seres, objetos ou mesmo cargos, funções ou instituições (ELIADE, 1972).

Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 1972, p. 9)

O mito é real pois a realidade existente o comprova. Trata-se de uma verdade que encontra na própria existência daquilo a que se refere uma certificação de sua autenticidade. Quando tomamos, por exemplo, o atentado sofrido pelo candidato Jair Bolsonaro, em 6 de setembro de 2018, durante um comício eleitoral, na cidade mineira de Juiz de Fora. A ocorrência rendeu-lhe um status mítico, pois foi “graças à intervenção divina[[7]](#footnote-7)” – lembremo-nos da benção profética recebida por Jair Messias Bolsonaro meses antes do sucedido – que sobrevivera ao ataque. A intervenção divina foi real, pois o ataque realmente aconteceu, comprovando a eficácia da benção recebida. O Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa descreve mito como: “uma crença, geralmente desprovida de valor moral ou social, desenvolvida por membros de um grupo, que funciona como suporte para suas ideias ou posições" (MICHAELIS, 2021). Ao analisarmos algumas das performances realizadas pelo presidente, observamos que muitas das ideias ou posições assumidas pelo mandatário e defendidas por seus apoiadores são exatamente desprovidas de valor moral ou social, encaixando-se na definição contida no dicionário. Embora tal análise pareça bastante promissora para explicar a idolatria ao mandatário, avaliamos que a alcunha de mito se estenda para além dessa simplificada interpretação.

Se admitirmos que os atos praticados por Bolsonaro transcendem à compreensão, estamos depreendendo que tais atos se distanciam da razão, pois a inexplicabilidade de suas atitudes poderia ser confundida como algo extraordinário aos olhos de seus admiradores.

Ora, se em uma determinada narração, dentre “tantas pedras, uma torna-se sagrada — e, assim, instantaneamente, satura-se do ser — porque constitui uma hierofania, ou possui maná, ou ainda porque comemora um ato mítico, e assim por diante” (ELIADE, 1992, p. 13). Tomando-se tal proposição, haveria então a possibilidade de Bolsonaro ter se tornado – dentre tantos outros políticos brasileiros – um homem ungido por Deus.

A hierofania vem a ser justamente uma manifestação de algo sagrado, em objetos, lugares, indivíduos ou mesmo instituições, mas que se veem atribuídos de um significado e valor participativos de ordem sagrada (SANCASSANI, 2013, p. 213). Tratando-se de Jair Messias Bolsonaro, poderíamos assumir a hierofania como a sua aclamação como o político incumbido da sagrada missão de salvar o Brasil de todos os males (a Esquerda, o Comunismo, a Pandemia, etc.).

Não existe um acontecimento específico que explique o porquê de Bolsonaro ter repentinamente sofrido esse processo hierofânico e com ele começado a ser designado como mito por seus apoiadores. No entanto, é possível que tal processamento tenha se dado devido a uma decepção coletiva, ou seja, a desilusão dos brasileiros com a política tradicional, fazendo ascender o personagem por ele encenado ao longo de sua extensa carreira, que “tem como marcas as posições extremadas, a postura de enfrentamento constante e os discursos agressivos [e] que reivindica ser o defensor e restaurador da ordem perdida” (POMPEU, 2021).

As ofensas, os xingamentos, os palavrões e as obscenidades ditas por Bolsonaro sempre foram vistas como uma afronta pessoal à forma pela qual os políticos tradicionais se dirigiam à população. Esse comportamento, outrora mantido sob rédeas curtas por medo do ostracismo ou de repreensões, mas que já era uma marca registrada das intempéries pessoais de Jair Bolsonaro, foi transformado em performances do mandatário brasileiro e trazido como espetáculo para o cotidiano político nacional.

**3. A espetacularização do cotidiano político de Bolsonaro**

As exibições inicialmente feitas por Bolsonaro na frente do Palácio da Alvorada, residência oficial do Presidente da República, transformaram aquele espaço em um lugar de idolatria e homenagens a ele. Suas palavras carregadas de vieses ideológicos invadiram o dia a dia da população brasileira, transformando o cotidiano presidencial em uma grande performance. Esse espetáculo público, como esclarece Debord (2000), se apresenta

[...] como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que "o que aparece é bom, o que é bom aparece". A atitude que ele exige por princípio é esta aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve pela sua maneira de aparecer sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 2000, p. 24)

Vale relembrar que a performance intempestiva de Bolsonaro é conhecida de longa data. Suas grosserias jazem intimamente com a sua vivência de homem público, pois como observa NASCIMENTO et al. (2018), “as matérias sobre insultos e/ou agressões sempre acarretaram uma maior frequência de notícias nos jornais, além de, consequentemente, uma maior visibilidade de Jair Bolsonaro em relação aos leitores” (NASCIMENTO et al, 2018, p. 149).

O espetáculo sempre compusera uma parte considerável da imagem pública construída por Bolsonaro, pois ainda quando deputado federal, as polêmicas geradas por sua descompostura contribuíam para aumentar sua visibilidade (NASCIMENTO et al, 2018, p. 149). Porém, com a assunção à Presidência, a atenção midiática que lhe era dada esporadicamente passou a ser cotidiana e ininterrupta.

Essa alta visibilidade somada à autoridade conferida pelo cargo assumido, transformaram as ideias defendidas pelo mandatário brasileiro em um sistema de governo que vem sendo chamado de bolsonarismo,

[...] um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo. Tal visão ganhou bastante força nesta última década em várias partes do mundo, se alimentando da crise da representação e da descrença generalizada na política e nos partidos tradicionais. No Brasil, ela iria encontrar a sua personificação no ex-capitão e em seu estilo de fazer política, calcado na lógica do ‘contra tudo que está aí’, apesar de ele mesmo ser parte do establishment político desde 1988, quando disputou e venceu sua primeira eleição. (PINHEIRO-MACHADO; FREIXO, 2019, p. 19).

As variações comportamentais que foram inicialmente consideradas pela imprensa especializada como uma espontaneidade de Bolsonaro, aos poucos foram se revelando preocupantes, pois na medida em que cada declaração era dada por Bolsonaro, suas palavras conduziam seus apoiadores a agirem de forma imprevisível. Como esclarece Baccega (2015), “o sentido de uma palavra ou de um conjunto de palavras não existe em si mesmo; ele resulta das posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico” (BACCEGA, 2015, p. 10), em outros termos, ao expressar-se, Bolsonaro fazia aflorar nos seus seguidores um sentimento nacionalista extremista e uma compreensão deturpada do exercício da cidadania.

**4. A performance como forma de governança**

As aparições públicas do Presidente Jair Messias Bolsonaro foram convertidas em oportunidades performáticas, pois

As regras da performance – com efeito, regendo o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público - importam para comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases: destas, elas engendram o contexto real e determinam finalmente o alcance. (ZUMTHOR, 2000, p. 30)

Em suas performances, Bolsonaro contradizia o real, apresentando sua visão particular de acontecimentos e expressando sua opinião pessoal sobre todo e qualquer assunto, mesmo para aqueles que não tem qualquer domínio intelectual ou científico. Dada a sua sagrada responsabilidade, a falta de conhecimento – como havia alertado Bolsonaro a seus apoiadores no início de seu mandato – era suprida pela inspiração divina.

A partir de tais premissas indagamos: Em que medida a performance (SCHECHNER, 2006; ZUMTHOR, 2000) executada por Bolsonaro, tanto nas aparições presenciais realizadas na frente do Palácio da Alvorada quanto nas transmissões efetuadas pelas redes sociais, corrobora no reforço da visão tida por seus apoiadores de que ele é uma figura divina destinada a salvar o país milagrosamente das ameaças que pairam sobre a nação brasileira (a Esquerda, o Comunismo, a Pandemia, etc.)?

No dia 06 de março de 2020, o Presidente Jair Messias Bolsonaro fez um pronunciamento em cadeia nacional, em tom comedido, para falar sobre o novo coronavírus.

Boa noite.

O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses, surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade.

Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes.

O Brasil reforçou seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. Desde então, transmitimos informações diárias, transparentes a todos os estados e municípios para que cada um organize, da melhor forma, o atendimento à população.

O Governo Federal vem prestando orientações técnicas a todos os estados, por intermédio do Ministério da Saúde.

Os demais ministérios uniram esforços e, juntos aos demais poderes, seguirão garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade.

Determinei ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios.

Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhemos unidos e superemos juntos essa situação. O momento é de união.

Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção.

Que Deus nos proteja e abençoe o nosso Brasil. (BRASIL, 2020)

Como podemos notar, o Presidente da República falou à nação brasileira sobre os desafios enfrentados pelo mundo com o avanço do novo vírus e as providências que já estavam sendo tomadas por seu Governo. Porém, um dia após o seu pronunciamento, Bolsonaro passou a incitar a população a participar de uma manifestação no dia 15 de março de 2020 para defendê-lo e, “pelas redes sociais e por WhatsApp, apoiadores do presidente [postavam] imagens de ataque ao Congresso, retirada dos comandantes da Câmara e do Senado e de alusão ao uso das Forças Armadas no movimento” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2020), contrariando as orientações que estavam sendo feitas tanto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) quanto por seu próprio Ministério da Saúde, para que as pessoas evitassem se aglomerar.

Em resposta às acusações feitas pelos veículos de imprensa, de estar estimulando a aglomeração em meio a uma pandemia, no dia 12 de março daquele mesmo ano, em um segundo pronunciamento em rede nacional, o Presidente Bolsonaro falou sobre o avanço do coronavírus e adotou um tom reativo.

Diante do avanço do coronavírus em muitos países, a Organização Mundial de Saúde, de forma responsável, classificou a situação atual como pandemia.

O Sistema de Saúde Brasileiro, como os demais países, tem um limite de pacientes que podem ser atendidos. O governo está atento para manter a evolução do quadro sob controle. É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico.

Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos. Há também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares. Queremos um povo atuante e zeloso com a coisa pública, mas jamais podemos colocar em risco a saúde da nossa gente.

Os movimentos espontâneos e legítimos, marcados para o dia 15 de março, atendem aos interesses da nação. Balizados pela lei e pela ordem, demonstram o amadurecimento da nossa democracia presidencialista e são expressões evidentes de nossa liberdade. Precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser repensados.

Nossa saúde e de nossos familiares devem ser preservadas. O momento é de união, serenidade e bom senso.

Não podemos esquecer, no entanto, que o Brasil mudou. O povo está atento e exige de nós respeito à Constituição e zelo pelo dinheiro público.

Por isso, as motivações da vontade popular continuam vivas e inabaláveis.

Que Deus abençoe o nosso Brasil. (BRASIL, 2020)

A mudança de tom se torna clara quando Bolsonaro, ao final, desvia atenção da pandemia para a política.

Não bastando a crise política e econômica que assolava o país, em 2020, o Brasil, assim como todo o mundo, mergulhou em uma crise sanitária por conta da pandemia da Covid-19. Seguindo na direção contrária às medidas sugeridas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e que foram seguidas pela maior parte dos líderes mundiais, o Presidente Jair Messias Bolsonaro fez todo o possível para desacreditar a existência do vírus e das formas de sua transmissão, inclusive, chegando a contrariar orientações dadas por membros da área da saúde de seu próprio Governo. Isso fica completamente explícito no pronunciamento feito no dia 24 de março de 2020, no qual Jair Messias Bolsonaro minimizou os efeitos da Covid-19.

Boa noite.

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo.

Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.

Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade.

Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.

Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.

Estamos juntos, cada vez mais unidos.

Deus abençoe nossa Pátria querida. (BRASIL, 2020)

Interessante notar que a gradativa mudança de tom assumida nos pronunciamentos (comedido, reativo e sarcástico), embora parecesse conflitante, mantinha coerência com a imprevisibilidade performática de Bolsonaro, pois como relembra Richard Schechner (2013)

As atividades da vida pública - às vezes calmas, às vezes cheias de turbulência; ora visíveis, ora mascaradas - são performances coletivas. Essas atividades vão desde a política sancionada até as manifestações nas ruas e outras formas de protesto, até a revolução. Os executores dessas ações pretendem mudar as coisas, manter o *status quo* ou, mais comumente, encontrar um ponto em comum. Uma revolução ou guerra civil ocorre quando os jogadores não desistem e não há um ponto em comum. Toda e qualquer atividade da vida humana pode ser estudada “como” performance [...]. Cada ação, da menor à mais abrangente, é feita de comportamentos restaurados.[[8]](#footnote-8) (SCHECHNER, 2013, p. 29)

Juntamente com a fala de Bolsonaro, somavam-se seu comportamento e aparições públicas repentinas em estabelecimentos comerciais, sem máscara (cujo uso passou a ser recomendado pela OMS como meio de prevenção ao novo coronavírus) e que, propositalmente, promoviam aglomerações e o não cumprimento das orientações dadas por especialistas da área de saúde, reforçadas pelas notórias demonstrações de descaso e negação da pandemia, que se tornaram um modelo a ser seguido por seus apoiadores.

**5. O culto ao mito chamado Jair Messias Bolsonaro**

Tendo Bolsonaro encontrado solo fértil no imaginário de muitos brasileiros e, assim, passado a ser considerado um exemplo, notamos que muito disso se deveu ao fato de seus apoiadores enxergarem-no como uma figura especial.

Somemos a isso o fato de Bolsonaro deter também Messias como nome, fazendo com que tal coincidência corroborasse para a crendice popular de que seria mais um presságio da missão divina dada por Deus a ele.

Como sugerimos anteriormente, os apoiadores de Jair Messias Bolsonaro poderiam ser divididos em dois grupos distintos: 1) religiosos; e 2) militares. Dentre os religiosos, prevaleceriam aqueles ligados às Igrejas Evangélicas e, dentre os militares, além dos pertencentes às Forças Armadas, incluir-se-iam também os componentes das chamadas Forças Auxiliares (policiais federais, policiais civis, policiais militares estaduais, guardas municipais e bombeiros).

Ao analisarmos as declarações e pronunciamentos feitos por Jair Bolsonaro, percebemos que o mandatário brasileiro oscilava seu discurso entre um teor religioso, militarizado e popular, de modo que sua performance fosse estendida e gerasse proximidade com públicos diversificados. É neste ponto que assumimos que o comportamento adotado pelos apoiadores de Bolsonaro, de um modo geral, assemelha-se a de membros pertencentes a um *fandom*, encontrando grande similaridade ao apreço detido pelos fãs a determinado personagem ou personalidade midiática.

Como esclarecem Matt Hills e Clarice Greco (2015), “o *fandom* não é apenas uma variedade de diferentes realizações, ele é uma série de atividades diversas” (HILLS; GRECO, 2015, p. 150, desta forma, comparadas as atitudes e as ações desempenhadas pelos apoiadores de Bolsonaro, podemos – em certa medida – notar que se assemelham àquelas vistas na Cultura de Fãs, pois tal como quaisquer outros tipos de fãs, também os apoiadores de Bolsonaro se envolvem de maneira não consciente em “práticas culturais relacionadas sem utilizar [ou reconhecer] o rótulo ou o discurso do *fandom*, então, analiticamente, em termos de continuidades culturais, é possível defender que são parecidas com o fã” (HILLS; GRECO, 2015, p. 151) e como tais, ao comporem um *fandom* singular – os quais foram nomeados como “apoiadores[[9]](#footnote-9)” – desenvolveriam o que HILLS (2002) designou como “neoreligiosidade”, a qual

[...] é pragmaticamente produzida por meio das "novas regularidades" de "culto" como um rótulo para tipos de textos de mídia e consumo de mídia, bem como por meio das "recorrências incomuns" de tais discursos religiosos dentro do fandom. A neorreligiosidade da cultura do fã ocorre como um efeito dos discursos e práticas dos fãs, em vez de depender de uma essência / "ontologia" precedente da religião e suas supostas funções na sociedade. (HILLS, 2002, p. 86)

Para justificar nossa dedução, podemos tomar como exemplo a denominação dada aos seguidores de determinada personalidade midiática em uma rede social como Instagram ou Twitter. Quando esse amontoado de usuários é referenciado, em geral, são designados como fãs. No entanto, no caso dos seguidores do presidente Jair Messias Bolsonaro, foi dada pelos meios de comunicação a denominação de apoiadores.

O contato direto presencial e o uso pessoal das redes sociais, sem o auxílio de assessoria profissional, contribuíram para o fortalecimento da admiração de seus apoiadores, dada a sua autenticidade. Ao se comportar de maneira não convencional à esperada de um presidente, Bolsonaro atinge justamente aquele público que estava cansado da velha forma como a comunicação política era feita. Essa performance conecta o mandatário a seus apoiadores.

Ao observarmos os apoiadores de Jair Messias Bolsonaro, podemos identificar diversos traços inerentes à Cultura de Fãs, posto que, a figura do presidente se tornou objeto de apreço (HILLS; GRECO, 2015, p. 149) desses indivíduos e, dado os comportamentos e atitudes adotados por eles, encontram nas performances de Bolsonaro um exemplo mítico (ELIADE, 1992, p. 12), o que nos permite retomar o diálogo trazido por ELIADE (1992), e comparar a credulidade dos apoiadores do mandatário brasileiro àquela tida por homens arcaicos e para os quais “a realidade é uma função da imitação de um arquétipo celestial” (ELIADE, 1992, p. 13), entendendo-se por arquétipo, um modelo a ser seguido, em outra palavras, o mito Bolsonaro.

O atentado sofrido, a crise econômica, as altas taxas de desemprego que assolavam o país e, por fim, a pandemia, foram demasiados problemas para serem administrados por um político comum - um deputado federal com atuação política pífia. Todos esses acontecimentos seriam provações divinas. Somente alguém com a sagrada missão de salvar milagrosamente o Brasil poderia triunfar perante tantas ameaças. E este alguém era “o mito Bolsonaro[[10]](#footnote-10)”.

**Conclusão**

A habilidade performática e comunicacional de Bolsonaro foi peça fundamental para cativar seus apoiadores. O comparecimento cotidiano na frente do Palácio da Alvorada, bem como, qualquer outro local em que se fazia presente, foram transformados em palco para as performances do mandatário brasileiro e suas palavras, principalmente as mais estarrecedoras, que foram convertidas em oportunidades de espetacularização, tendo ainda o improviso, diante da falta de comedimento ou conhecimento, adquirido inicialmente o *status* de espontaneidade, algo que só tardiamente foi percebido como algo perigoso.

A partir dos pontos apresentados, deduzimos que: ao nos aprofundarmos no conceito de mito trazido pelos escritos de Mircea Eliade (1972, 1992), notamos que já no início da campanha eleitoral à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro encontrara um cenário social ideal, no qual a descrença no sistema político vigente e o anseio por soluções emergenciais para os problemas que assolavam o país fizeram emergir no imaginário da população brasileira a figura do “Mito Bolsonaro”.

Considerarmos os apoiadores de Bolsonaro como fãs e, por consequência, parte integrante de um tipo singular de *fandom*, não estaria totalmente longe de uma verdade, pois, como ressalta Matt Hills e Clarice Greco (2015),

[...] o termo fã – embora seja utilizado, em quaisquer discursos que seja inserido e qualquer tipo ou espécie de fandom que seja – simplesmente não pode funcionar como uma categoria ou termo inteiramente delimitado. [...] o fandom é sempre um conjunto ou conceito vago; não há nunca uma demarcação clara dele como uma categoria [...]. Pode haver algumas pessoas que não se considerem elas mesmas como fãs e não fazem parte de uma comunidade ou cultura de fã, e não se autoidentificam como um fã [...]. Mas se suas atividades são analisadas, como o possível uso de mídia social, o envolvimento da criatividade em certos domínios, seria possível dizer que elas são [...] similares a fãs. Creio que algum trabalho de Sharon Ross aborda a noção de fandom dominante ou quase generalizada, na qual as pessoas se envolvem em atividades de mídia social e práticas que mantêm a geração anterior de fãs. Mas onde as pessoas se envolvem em práticas culturais relacionadas sem utilizar o rótulo ou o discurso do fandom, então, analiticamente, em termos de continuidades culturais, é possível defender que são parecidas com o fã. (HILLS; GRECO, 2015, p. 151)

Como proposto, a intenção do presente trabalho foi suscitar um olhar diferenciado para buscar compreender a idolatria dos admiradores de Bolsonaro e avaliar como suas aparições públicas e presença nas redes sociais, foram transformadas em espetáculo e contribuíram para a construção da figura mítica do mandatário brasileiro, na certeza de que o assunto em voga abordado não foi esgotado e pode vir a fomentar o desenvolvimento de novos estudos com base no arcabouço teórico utilizado.

**Referências**

BACCEGA, Maria Aparecida. **Estudos de comunicação e análise do discurso: teoria e prática**. São Paulo: Intermeios, 2015.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In: **Sagrada Bíblia Católica:** **Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BRASIL. Presidente (2020: Jair Messias Bolsonaro). **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Brasil, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-3>. Acesso em: 15 jan. 21.

BRASIL. Presidente (2020: Jair Messias Bolsonaro). **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Brasil, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-5>. Acesso em: 15 jan. 21.

BRASIL. Presidente (2020: Jair Messias Bolsonaro). **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Brasil, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>. Acesso em: 15 jan. 21.

CAMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 09 jan. 21.

CANCLINI, Néstor García.**Consumidores e cidadãos**– conflitos multiculturais da globalização, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CIOCCARI, D., PERSICHETTI, S. (2018). Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688. Acesso em: 29 dez. 20.

DEBORD, Guy.**Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Bolsonaro encaminha a amigos vídeos com chamadas para manifestação contra o Congresso e gera repúdio***.*Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/jair-bolsonaro-chama-populacao-para-manifestacoes-do-dia-15-de-marco-1.2219580>. Acesso em: 5 jan. 21.

ELIADE, Mircea.**Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea.**Mito do eterno retorno, cosmo e história**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIADE, Mircea.**Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea.**O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea.**Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

EXAME. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-deus-nao-escolhe-o-mais-capacitado-mas-capacita-os-escolhidos/>. Acesso em: 06 jan. 21.

FAROL. Disponível em: <https://farolblumenau.com/bolsonaro-nao-sou-o-mais-capacitado-mas-deus-capacita-os-escolhidos/>. Acesso em 06 jan. 21.

FLAVIO BOLSONARO**. Plano de Governo**. Disponível em: <https://flaviobolsonaro.com/PLANO\_DE\_GOVERNO\_JAIR\_BOLSONARO\_2018.pdf. Acesso em: 06 jan. 21.

G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/07/22/psl-confirma-candidatura-de-jair-bolsonaro-a-presidencia-da-republica.ghtml>. Acesso em: 09 jan. 21.

GAZETA DO POVO. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/jair-bolsonaro-algumas-razoes-para-explicar-o-fenomeno-do-mito-dt0wz8s8agwlmwpz02yia8fnq/. Acesso em: 06 jan. 21.

HILLS, Matt. **Fan Cultures**. London: Routledge, 2002.

HILLS, Matt; GRECO, Clarice. **O fandom como objeto e os objetos do fandom.** MATRIZes, São Paulo, Brasil, v. 9, ed. 1, p. 147-163, jan/jun 2015.

# JUSTIFICANDO. Disponível em: <http://www.justificando.com/2019/08/19/e-desolador-que-a-sociedade-considere-bolsonaro-um-mito/>. Acesso em: 08 jan, 21.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/ >. Acesso em: 09 jan. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, R. FREIXO, A. (Orgs.). Brasil em transe: **Bolsonarismo, nova Direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

POMPEU, Ana. Jair Bolsonaro, o mito de pés de barro. In: **Revista Congresso em Foco**. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/jair-bolsonaro-o-mito-de-pes-de-barro/>. Acesso em 10 jan. 21.

SANCASSANI, Victor. **Os rumos do conceito de mito e a fenomenologia peirciana**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – PUC-SP, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21775/2/Victor%20Sancassani.pdf>. Acesso em: 11 jan. 21.

SCHECHNER, Richard.**Performance studies:** an introduction. second edition. New York & London: Routledge, 2006.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies: An introduction**. New York: Routledge, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000, 137 p.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 1: Tecnopolíticas e Cenários Pandêmicos, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo no PPGCOM da ESPM. E-mail: w\_alex\_silva@ymail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. O grifo é nosso. [↑](#footnote-ref-3)
4. O grifo é nosso. [↑](#footnote-ref-4)
5. [↑](#footnote-ref-5)
6. O grifo é nosso. [↑](#footnote-ref-6)
7. O grifo é nosso. [↑](#footnote-ref-7)
8. Tradução nossa. [↑](#footnote-ref-8)
9. O grifo é nosso. [↑](#footnote-ref-9)
10. O grifo é nosso. [↑](#footnote-ref-10)